ANO 6.º LISBOA — QUINTA-FEIRA, 10 DE FEVEREIRO DE 1927 N.º 1799

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.º Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO 48
TELEFONES { Direcção: T. 195 Redacção: T. 319
Endereço telegrafico: DIBOA

APÓS QUATRO DIAS DE LUTA

O GOVERNO

dominou completamente

todas as desordens e revoltas

caminhando-se para a normalidade

Faz hoje oito dias que rebentou uma revolução no Porto. Ao 4.º dia eclodiu em Lisboa, como é do dominio publico, um movimento que puzeram a cidade em alvoroço, que breve se converteu em panico.

Ao cabo de oito dias de luta nas duas principais cidades de Portugal—o Governo, apoiado no Exercito, dominou todas as insurreições.

O julgamento e a apreciação desta semana de crise de ordem—pertence á Historia, e não a nós.

A Nação pertendeordm, e socego para trabalhar, e confia que a Republica atravesse esta crise, repondo o país na sua marcha normal. Portugal tem energias para reagir. A Patria deve estar acima de todas as desgraças.

Confiemos. Unamos os nossos esforços num sentido de reabilitação patriotica.

Os acontecimentos dos ultimos dois dias

Os elementos militares que na segunda-feira se insubordinaram entrincheiraram-se nas imediações do Rato, e fizeram quartel revoltoso no Bairro Alto.

O governo, instalado em Campolide, nos quarteis cerca da Penitenciaria, foi a pouco e pouco estendendo as suas forças e dispondo forças em varios pontos altos da cidade, de onde bombardearam os locais ocupados pelos revolucionarios. Estes, sem direcção, sem ordem, nem numero suficiente, foram perdendo terreno.

O Arsenal da Marinha, seu reduto ultimo, onde havia civis e marinheiros, acabaram por se render, depois de serem violentamente atacados. Os aeroplanos cooperaram no ataque.

A's 8 da noite de ontem os elementos revolucionarios entraram em fuga.

Ao fim da noite o governo estava senhor da situação.

A morte do tenente-coronel Americo Olavo

O tenente-coronel Americo Olavo, combatente da Flandres, foi morto em sua casa, e conduzido a um Hospital. Estava acompanhado de seu irmão, o dr. Carlos Olavo. A noticia da sua morte correu rapida pela cidade, atravez os telefones. O governo pertende informar-se da identidade das figuras que mataram o antigo ministro da Guerra.

Americo Olavo faleceu quatro horas depois de ter dado entrada no Hospital de Santa Marta.

O Governador Militar de Lisboa mandou afixar o seguinte edital:

Eu, Luiz Manuel Agostinho Domingues, governador militar de Lisboa, faço saber:

E' confirmado o estado de sitio na cidade de Lisboa devendo observar-se o seguinte:

O transito só é permitido das 7 ás 18 horas.

E, expressamente proibido, seja a quem for, assomar á janela.

Todos os estabelecimentos devem encerrar as suas portas ás 17 horas.

Não é permitido circular fora das horas acima indicadas sem o salvo-conduto passado por este Governo Militar.

Todo aquele que indevidamente fôr possuidor de armas de qualquer natureza deverá entregá-las dentro do prazo fixo de 4 horas a partir da hora da afixação deste edital.

Todo aquele que, passado este praso, for encontrado com armas será fuzilado sem julgamento.

Governo Militar de Lisboa, 8 de Fevereiro de 1927.

O Governador Militar de Lisboa, *Luiz Manuel Agostinho Domingues*, General.

A REVOLTA NA CA

As forças revolu

renderam-se s

tendo as tropas

sob o comando do ministro da guer

entrado na cidade na

VILA NOVA DE GAIA, 6 (domingo), ás 12,30 *(Do nosso enviado especial)* — A's 9 horas da manhã, o tiroteio que durante toda a noite decrescera, intensificou-se brutalmente recomeçando o troar do canhão.

Pouco depois, os revoltosos pediam telefonicamente um armisticio. O sr. ministro da Guerra respondeu que não aceitaria outra solução, senão uma rendição sem condições:

—Enviem-me os seus delegados para nós lhes comunicarmos as condições que impomos.

Essas condições são, em resumo, as seguintes:

—prisão imediata de todos os revoltosos civis e militares;

—entrega de todo o armamento;

—buscas rigorosas em todas as casas;

—fuzilamento de todos os revoltosos a quem forem apanhadas armas ou bombas, depois da entrega;

—formação de todos os revoltosos na parada de Massarelos, ao alcance da artilharia fiel, ás 3 horas;

—castigo das pessoas que esconderem revoltosos em casa, como se fossem revoltosos.

Os revoltosos declararam então que, ás 11,30, dois delegados seus embarcariam na Ribeira, num barco com uma bandeira branca, e desembarcariam no elevador que fica ao lado de cá do rio.

Entretanto, o sr. ministro da Guerra, o coronel Carveiro Lopes, e muitos oficiais, dirigiu-se ao Monte da Virgem, onde se encontra a bateria de artilharia 5, comandada pelo capitão Garrett.

Formados os oficiais do 5 e os de infantaria 22, que apoiava a bateria, o sr. coronel Passos e Sousa disse:

— Oficiais de Artilharia 5: O vosso regimento acaba de prestar um grande serviço á Patria e ao Exercito, comovidamente vo-lo agradeço.

Algumas frases:

— Se não tivessemos mantido, logo nas primeiras horas, as posições da Serra do Pilar, este conflito que vai agora acabar, prolongar-se-ia, e teriamos a guerra civil. Embora a nossa vitoria estivesse, em qualquer circunstancia, assegurada, o pais sofreria imenso com isso.

— Farei publicamente, e de maneira que todos o saibam, a declaração do que todos vos devemos.

Depois, o ministro falou comovidamente aos sargentos, repetindo-lhes o que dissera aos oficiais, e acrescentando:

— Felicito-vos pela vossa bravura e, pela vossa lealdade. E lamento que um vosso camarada de regimento — o sargento Ressurreição — tenha caido, varado por uma bala. Mas posso garantir-vos que os seus filhos como os de todos que cairem no cumprimento do dever, terão o seu futuro assegurado.

Como já eram 11 horas, o ministro regressou ás Devezas (Vila Nova de Gaia), onde está instalado agora o Quartel General, em frente da estação.

Para o Elevador, a receber os delegados dos revoltosos, partimos num automovel, com os tenentes Morais Sarmento e Rosa Mendes. Pouco depois chegaram dois oficiais, encarregados de conduzir os delegados ao Quartel General.

Foi dada ordem ás forças do sector 2 para suspenderem o fogo, emquanto atravessasse o rio o barco com a bandeira branca, mas para o recomeçarem logo em seguida.

Esperamos durante uma hora, mas com grande surpreza nossa, os delegados não apareceram. E, entretanto, sobre as nossas cabeças, passavam constantemente, as balas dos civis revoltosos, instalados na outra margem.

Regressámos ao Quartel General, onde nos informaram de que os revoltosos haviam pedido telefonicamente que a vinda dos delegados fosse adiada para a 1 hora da tarde. Motivos alegados? A necessidade de prevenir todos os postos.

Concedido.

A' 1 hora da tarde, efectivamente, os delegados desembarcaram, vindo a caminho do Quartel General, acompanhados pelo tenente Morais Sarmento.

O fogo das peças continua.

Três aviões estão lançando sobre o Porto, neste momento, as proclamações em que se aconselha a população a evacuar a cidade.

Aceitarão os revoltosos as condições impostas? Vamos sabê-lo daqui a pouco.

O sr. ministro da Guerra, ao ter comunicação de que os revoltosos instalaram uma peça no Club Inglês, telefonou ao consul de Inglaterra, garantindo-lhe que não se faria fogo sobre o edificio, se ele conseguisse dentro dum certo prazo que a peça retirasse. O consul agradeceu e prometeu dar as providencias necessarias.

Uma nota interessante: Numa reunião entre o ministro da Guerra e numerosos oficiais, foi decidido que nenhum oficial fosse condecorado ou louvado, por motivo do ataque ao Porto.

Só praças de "pret" serão louvadas ou condecoradas.

VILA NOVA DE GAIA, 7, ás 11 horas da noite — *(Do nosso enviado especial)*.

Afinal, ainda hoje não fómos jantar ao Porto. Não porque não pudessemos, visto que já hoje conseguiram atravessar do Douro tropas fieis que operavam nesta margem. Mas porque nos impuzeram a missão de acompanhar o sr. ministro da Guerra, comandante em chefe das operações contra os revoltosos, até á sua entrada na capital do Norte.

Durante o dia esteve-se organisando a investida das tropas fieis desta margem, contra os revoltosos.

Os aviões lançaram sobre o Porto as proclamações em que o ministro da Guerra desmente categoricamente os boatos espalhados, sobre uma revolta em Lisboa.

A's 3 horas da tarde, instalaram-se em Oliveira do Douro, em frente a Campanhã, forças de artilharia, cavalaria, infantaria, caçadores e pontoneiros, sob o comando do coronel Duque.

Escolheu-se um edificio particular para Quartel General. E as peças marcharam para varias posições, estudadas do momento.

A's 4 horas e meia, uma força de 160 soldados — infantaria e pontoneiros com espingardas e metralhadoras — aproximou-se da margem, no logar de Pinheiro.

Alguns batelões começaram a transportá-la para o outro lado.

Os revoltosos começaram a perseguir os barcos com rajadas de metralhadoras. Mas o Marquez de Ficalho — tenente de artilharia — que colocára uma peça á beira do rio, a fim de proteger a travessia, disparou cinco granadas de explosão contra os revoltosos que os reduziram a silencio, tendo os ultimos batelões atravessado o rio, sem serem atacados.

Pouco depois, chegou-nos a noticia de que 20 soldados revoltosos se haviam apresentado á prisão ás forças fieis da Granja. Um deles tinha um braço esfacelado.

Os revoltosos de quando em quando, atiram algumas granadas que, por vezes caíram nesta vila.

Uma bala matou um primeiro cabo fiel — o n.º 43, da 5.ª Companhia de Caçadores 8, de Elvas — que ficou ferido numa axila.

Mais tarde, chegou-nos a noticia de que o tenente Lopes Soares, com um grande nucleo de revoltosos, se entregou ás forças fieis, no Carmo, e de que outro grupo revoltoso se apresentou á prisão ás tropas governamentais da Bela Vista.

A coluna fiel, do *Infante de Sagres*, que desembarcou na outra margem do Douro prendeu 40 civis armados.

Acabam de chegar forças de Infantaria 24 e de Caçadores 10, sob o comando do coronel Fonseca.

Os revoltosos estão cercados por 4.000 homens, com 20 peças, 2 obuzes, 4 morteiros e dezenas de metralhadoras ligeiras e pesadas.

Muitos civis revoltosos têm largado as armas e fugido, em barcos para esta margem do Douro e para algumas localidades dos arredores do Porto.

A's 11 horas da noite, continua o bombardeamento, por parte das forças fieis.

E muito provavel que ainda esta noite atravessem o Douro mais forças e munições.

Os revoltosos

voltam a falar em rendição

VILA NOVA DE GAIA, 8—A's 4 horas da madrugada—*(Do nosso enviado especial)*:

Razão tinha o sr. ministro da Guerra, quando calculou que a resolução da tragedia do Porto estava por horas.

Efectivamente, á 1 da madrugada, o alferes Apio de Almeida registou, ao telefone do quartel general das forças o pedido de rendição.

A resposta

do ministro da Guerra

Imediatamente se reuniu, com o sr. tenente-coronel Passos e Sousa e o coronel Craveiro Lopes, grande numero de oficiais, tendo, ás 2,15, sido transmitido o seguinte telefonema:

"Ao sr. comandante das forças revoltosas:

Sua Excelencia o Ministro da Guerra não aceita a isenção de responsabilidade aos cabos e soldados, como uma condição de rendição, mas acede, porém, ao pedido feito nesse sentido por estar já isso na sua mente.

De forma nenhuma pode, porém, acceder ao pedido, no que se refere aos sargentos, cuja menor responsabilidade será, comtudo, tomada na devida consideração.

O chefe do Estado Maior
Antonio Miranda
tenente-coronel„

Os revoltosos

rendem-se sem condições

A's 3 horas da manhã, finalmente, veiu a resposta definitiva dos revoltosos. Diz ela:

"Chefe do Estado Maior da coluna das forças do governo:

Acusando a recepção da resposta de Sua Excelencia o Ministro, informo Vossa Excelencia de que o general aceita quanto nela se contém.

O chefe do Estado Maior
Fernando Freiria„

APITAL DO NORTE

ionarias do Porto

em condições

governamentais

a, tenente coronel Passos e Sousa

madrugada do dia 8

s revoltosos acabavam, pois, de se
der sem condições.
pesar da hora, a que foi conhecida,
noticia provocou um entusiasmo
escritivel, não só entre os oficiais e
soldados, como tambem na numero-
população civil que desejava arden-
ente a vitoria do governo.
s 3 e meia, ainda as peças e as me-
hadoras faziam fogo — a despedir-
...
entrada no Porto deve efectuar-se
.

O Ministro da Guerra

e a revolta de Lisboa

s 2,20 da madrugada, recebeu-se da
rda, na estação telegrafo-postal das
ezas, o seguinte telegrama:

Ministro da Guerra

GAYA

cabo receber telegrama comité re-
ucionario de Lisboa, dizendo ter re-
tado revolução Lisboa.
ão tenho informações oficiais. Aguar-
nstruções de Vossa Excelencia.

Governador Civil—*Passos.*

sr. tenente-coronel Passos e Sousa
ue já sabia do caso e já tomára as
videncias que ele requeria — res-
deu nestes termos:

Governador civil

Guarda

evoltosos Porto acabam de render-
Tenho conhecimento ter havido al-
ção de ordem em Lisboa. Guarni-
capital vai dominar movimento.
enviar forças sobre Lisboa. Nomeei
delegado Coimbra coronel Schiappa
Azevedo. Guarnições da provincia
cham Lisboa.
omunique Comandante Militar.

Ministro da Guerra

Passos e Sousa„

deitou-se a descansar um pouco da
exaustiva que tem feito nos ulti-
cinco dias...

Felix Correia

(Do nosso enviado especial)

ORTO, 7. — *(De manhã)* — Escrevo
ixo duma chuva de granadas que cai sobre a cidade. No meu hotel, alvejado pela artilharia governamental, já cairam hoje quatro granadas. Os hospedes desceram todos para o rez-do-chão, havendo alguns mais prudentes que se refugiaram na cave.

O hotel foi bombardeado por ter chegado a Vila Nova de Gaia a noticia de que o general Sousa Dias, comandante em chefe das tropas revoltadas, se tinha refugiado aqui — o que não é verdade.

Os dirigentes do movimento, apesar do intenso fogo de artilharia, não abandonaram ainda o Quartel General.

* * *

Houve uma tentativa de conciliação, que partiu do major Viana, comandante da G. N. R.. Este oficial comunicou pelo telefone com o ministro da Guerra, dando-lhe parte do proposito em que estava de provocar um encontro dos dirigentes, a fim de resolverem a maneira de pôr termo á luta que tão duramente vem sacrificando a população da cidade.

Em consequencia desta *démarche*, cessou o fogo de artilharia 9. O armisticio durou pouco mais de uma hora.

A's duas horas da tarde, dirigiram-se á ponte D. Luís, onde se tinha marcado o encontro, o dr. Jaime de Morais, o major Severino e o capitão Aresta. Acompanhava-os um cabo de caçadores, que empunhava uma bandeira branca.

Chegados a meio da ponte, ainda ali não estavam os parlamentares do governo. Aguardaram. Foi necessario mesmo telefonar — para que viessem.

Pouco depois, chegaram três tenentes, que vendaram os olhos dos oficiais revoltosos, conduzindo-os a uma casa de Gaia — onde estava instalado o Quartel General.

Uma vez ali foram introduzidos num gabinete. Pouco depois, chegava o ministro da Guerra, rodeado de oficiais. A scena foi rapida e teatral.

Os delegados dos revoltosos iam apresentar as condições:

O tenente-coronel Passos e Sousa, porém, não lhes deu tempo a apresentarem condições. Entregou-lhes immediatamente um documento, em que se exigia dos revoltosos a rendição pura e simples; o desarmamento dos civis, sendo fuziladas aquelas que fossem encontradas com armas; os chefes revoltosos responderiam com a vida pelos damnos causados pelos civis, sendo esta condição afixada em editais; os bens pessoais dos revoltosos responderiam por todos os estragos causados pela artilharia governamental e pela sua; entrega do armamento de todas as unidades revoltadas, indo estas formar, desarmadas, junto do cais de Massarelos; caso qualquer revolucionario se negasse ao cumprimento desta disposição, fugindo, seriam passadas minuciosas buscas a todas as casas, sendo consideradas coniventes as pessoas que os aninhassem ou protegessem, fôssem ou não de familia; um praso de cinco quartos de hora para serem aceites estas condições — findo o qual recomeçariam o bombardeamento.

Quando terminou a leitura deste documento, o dr. Jaime de Morais respondeu:

— Não foi isso que nós viémos negociar aqui... A nossa missão é negociar a formula de libertar a população civil.

Responderam-lhe:

— A população civil tem cinco quartos de hora para abandonar o Porto.

— Nesse caso — acrescentou — nada mais temos a fazer aqui.

E retiraram-se com as mesmas precauções da ida.

Findo o armisticio, não tendo havido ainda tempo de avisar a população das zonas alvejadas pela artilharia, voltou a troar o canhão.

Mas o exodo ainda se iniciou. E era doloroso ver o cortejo tragico dos fugitivos: mulheres que choravam com as crianças ao colo; homens que procuravam salvar os seus haveres e levar roupas para se abrigarem; velhinhas que eram amparadas pelas filhas, porque não tinham forças para fugir; uma confusão espantosa, que só devia ter semelhança com o exodo tragico das populações indefesas da Belgica e do Norte da França.

Muitos foram ainda surpreendidos pelo fogo da artilharia e alguns ficaram para sempre estendidos nas ruas da cidade, que em alguns pontos vão tomando o aspecto desolador dum cemiterio.

Os fugitivos refugiaram-se nos arredores do Porto: em S. Mamede de Infesta, na Areosa, em Matozinhos. Alguns foram recolhidos por familias amigas. Outros acamparam ao ar livre, improvizando cozinhas para se alimentarem e barracas para dormirem.

Nalguns pontos, como em Matosinhos, foram mobilisados armazens, casas de espectaculos e casas particulares—para darem abrigo aos que fugiram da cidade.

* * *

Sobre o Porto teem voado alguns aviões. Dois deles lançaram um manifesto ao país—cujo texto deve ser ahi conhecido.

O tempo tem-se conservado magnifico. Um sol de primavera. Um ceu azul turqueza—que faz inveja aos que não podem sair de casa.

Os aviões voaram alto e deixaram cair sobre a cidade uma chuva de papelinhos que pareciam bandos de pombas voando em pleno azul.

Caiam lentamente e só um ou outro é que conseguia ser apanhado. Formavam-se grupos para a leitura. Faziam-se comentarios. Entretanto, ouvia-se o crepitar da metralha e ambulancias da Cruz Vermelha passavam com feridos.

* *

Como se pode calcular, a população da cidade está apavorada. Hoje é o quinto dia de revolução. A dificuldade de abastecimentos é enorme. As vendedeiras não vêem á praça. Ha casas onde se passa fome. Proximo do jardim de S. Lazaro, na rua dos Herois de Chaves — infelizmente, somos um pais de herois! — abriu um estabelecimento.

Algumas mulheres comprimiam-se á porta para conseguir que o dono da loja lhes vendesse carne—que tinha mandado vir de Valbom. Mas veio uma granada e caiu em plena aglomeração. Estabeleceu-se um panico espantoso. Seis pessoas ficaram para sempre debaixo da metralha!

* * *

O que vai passar-se agora?

Ninguem pode saber. O governo não cede nem um passo. Entre os dois campos corre pacificamente o rio Douro...

Norberto Lopes.

(Do nosso enviado especial)

PORTO, 8 — O Porto levanta-se cedo. Hoje levantou-se mais cedo ainda. E veio toda a gente para a rua — vêr os efeitos da revolução.

O dia amanheceu de sol. Durante a noite, tinha cessado quasi por completo o tiroteio. E a artilharia só deu sinal de si ás 3 da madrugada. Já tinham terminado as hostilidades.

Desde as primeiras horas da manhã, o movimento tem sido extraordinario nas ruas da cidade. Circulam automoveis, tipoias e carroças, com "excursionistas" dos arredores.

A parte central da cidade, que foi a mais atingida pelo fogo de artilharia, é um formigueiro de gente.

As ruas oferecem um aspecto curioso. Vidros estilhaçados, caliça, pedras, fios telefonicos — ha de tudo um pouco.

O Porto foi bem durante dias uma cidade martir.

* * *

As primeiras tropas que entraram na cidade, pelo Valbom, foram sete soldados de infantaria comandados pelo tenente Marques. A's 7 horas da manhã, chegaram ao Quartel General, que já tinha sido abandonado.

Pouco depois, começaram chegando novas forças da coluna que tinha sido destacada para Gramide, num total de 160 homens, sob o comando do coronel Duque.

A' hora a que escrevemos, estão-se concentrando no Porto todas as tropas fieis ao governo.

Os revoltosos, desarmados, descem a rua 31 de Janeiro.

(Vêr continuação na 3.ª pagina)

Cardoso do Amaral
E
Corrêa Guedes
Advogados
Rua da Prata, 54-2.—Tel. C. 3763

ULTIMAS NOTICIAS

CARNAVAL
Lança-perfumes marcas **Lira** e **Nico**, unicas de melhor reputação. **Confetti, serpentinas** e as melhores e mais recentes novidades a preços de combate, só nos armazens de J. J. Santos, rua do Bemformoso, 94 e 96, telefone Norte 3920. Remete catalogo aos senhores revendedores que o requisitarem.

O DIA DE HOJE

Forças do exercito

patrulham a cidade

mantendo a ordem e passando buscas ás casas

ALGUNS

pormenores

do que houve

em Lisboa

No extremo da Avenida Almirante Reis alguns civis faziam fogo sobre os soldados que por ali passavam isolados. Ante-ontem, quando passava uma patrulha da G. N. R., os civis fizeram fogo, matando uma das praças. Imediatamente apareceu um tenente da G. N. R. com duas praças de infantaria e um cabo de policia, que mataram três civis.

* * *

No Matadouro, concentram-se as esquadras de policia de Arroios, Santa Marta, Picôas, Campo Grande e Campo Pequeno, que fôram hostilizados por civis escondidos nos predios. A policia respondia violentamente, tendo sido a fuzilaria intensissima, durante todo o dia de ontem.

* * *

Os civis colocaram uma metralhadora num predio, proximo do terminus da rua de Andaluz. Durante as noites da revolução o fogo da metralhadora conseguiu incomodar uma fôrça de 80 homens, postada no largo das Palmeiras, debaixo duma ponte que ali existe. As forças fieis ripostaram com energia, crivando os predios da rua do Andaluz de metralha. Ontem de manhã, esse predio foi cercado, tendo cessado o fogo.

O que se passou no Porto

(Continuação da pagina central)

Dos dirigentes do movimento encontram-se presos no Quartel General, entre outros, o general Sousa Dias, o dr. Jaime de Morais, o coronel Freiria e o major Faria Leal. Desapareceram muitos oficiais.

As munições de artilharia que ainda restavam aos revoltosos foram colocadas em volta da estatua de D. Pedro V, na Batalha.

Os oficiais de metralhadoras 2, junto delas, aguardavam que lhes dessem destino.

Declararam aos jornalistas que tinham vindo para o Porto porque lhes garantiram que nessa mesma noite o movimento rebentaria em Lisboa, com todas as probalidades de exito.

* * *

A multidão dos curiosos aglomera-se na Batalha. Vai passando o cortejo dos vencidos. A trincheira cavada nas embocaduras das ruas 31 de Janeiro e Santa Catarina oferece um aspecto impressionante. Chamavam-lhe a "Trincheira da Morte„.

Poucas casas comerciais abriram ainda. A cidade respira. Depois das horas tragicas de ansiedade que se viveram no Porto durante cinco dias, a população toma o sol.

Ao Porto chegaram já os ministros da Guerra e das Colonias, que se dirigiram logo para o Quartel General.

* * *

Calcula-se que tenha havido 60 mortos e algumas centenas de feridos. As baixas militares são muito poucas. As vitimas pertenceram quasi todas á população civil.

* * *

Não tem havido violencias. Não tem havido manifestações populares.

Sobre soldados e cabos não incidirá nenhuma penalidade. Recolhem a varios quarteis do Porto e seguem depois o seu destino.

* * *

O serviço de comboios deve ficar hoje restabelecido. Os primeiros que sairam de Gaia, depois de terminadas as hostilidades, iam apinhados de passageiros.

* * *

A entrada do ministro da Guerra e do seu Estado Maior na cidade não teve nenhum aspecto teatral.

A principio, ainda se pensou em dar um certo espectaculo ao acontecimento.

O ministro entraria a cavalo, seguido pelo seu Estado Maior.

A ideia foi posta de parte, para evitar uma exibição desnecessaria. E o tenente coronel Passos e Sousa veiu simplesmente de automovel.

* * *

Até agora, não foi preso nenhum civil armado. Abandonaram todos ás armas — antes de as tropas entrarem no Porto.

* * *

A ordem ficou completamente restabelecida.

As munições escasseavam. Resistir por mais tempo era uma loucura.

O ataque foi modelarmente organisado. De um lado e doutro, houve provas de valentia.

A revolta não conseguiu interessar a população da cidade. Havia uma grande indiferença pelo resultado. Quer vencessem uns, quer vencessem outros — o Porto encolhia os ombros. O que era necessario era restabelecer a ordem — para trabalhar. E a ordem foi restabelecida.

Os vencidos passam por entre a população. Os vencedores organisam o policiamento da cidade. São olhados com reconhecimento.

Ha oficiais amigos que estavam em campos diferentes que se abraçam. Ontem, podiam ter-se morto uns aos outros. Hoje — são irmãos.

Norberto Lopes & Felix Correia.

O «DIARIO DA TARDE»

Por não ter maquina propria e ainda por o seu pessoal não ter comparecido a horas, não sai hoje o nosso colega *Diario da Tarde*. Esta mesma dificuldade aconteceu a outros nossos colegas matutinos, que se viram na impossibilidade de publicar-se.

ALGUNS

revoltosos

fizeram fogo

das igreijas

Na barricada da rua da Palmeira, um capitão que comandava a fôrça dos revoltosos, ao vêr dos civis arrancar as pinhas das janelas para fabricar bombas, mandou recolher as suas praças ao quartel. Os civis partiram as espingardas e abandonaram o local, indo para a rua do Jasmim.

* * *

Na Penha de França, no quartel de telegrafistas, foi colocada pelas forças fieis uma peça de artilharia que fez, durante a tarde de ontem, fogo para S. Pedro de Alcantara. Os civis fizeram varios ataques sobre aquele quartel, sendo repelidos.

* * *

Os revolucionarios levaram uma metralhadora para uma das torres da igreja da Estrela. Imediatamente as forças governamentais, instaladas em Campo de Ourique, fizeram fogo sobre as torres, caíndo as balas sobre os sinos, que tocavam, convulsivamente, como é facil de calcular. Os revolucionarios tambem se alojaram nas torres das igrejas de Santa Isabel e da Encarnação.

No Rato e em S. Pedro de Alcantara

Basta percorrer-se as imediações do Rato, Rua Alexandre Herculano, Rua da Escola Politecnica, Rua do Sol, nomeadamente, para se ver como foram encarniçados ali os combates.

As forças revoltosas conseguiram desde a tarde de 2.ª feira, por vezes, alguns avanços, mas breve eram desalojados. O tiroteio foi constante. Ficaram destruidos pela artilharia fiel quasi todos os palacios das imediações do Rato. O Palacio Palmela foi dos que mais sofreram.

O quartel general revoltoso era no Arsenal, que ficou muito danificado, após dois dias de luta,